

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NOS PEQUENOS MUNICÍPIOS DO SUDESTE BRASILEIRO

Nayhara Freitas Martins Gomes

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
Faculdade de Educação e Linguagem, Sinop, MT, Brasil
nayhara_martins@yahoo.com.br

Ralfo Edmundo da Silva Matos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Instituto de Geociências, Belo Horizonte, MG, Brasil
ralfomatos@gmail.com

Carlos Fernando Ferreira Lobo

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Instituto de Geociências, Belo Horizonte, MG, Brasil
carlosfflobo@gmail.com

RESUMO

As migrações realizadas entre os municípios de pequeno porte do Sudeste brasileiro revelam a existência de novas tendências demográficas. O objetivo deste artigo é averiguar as configurações territoriais associadas à dinâmica migratória nestas localidades. Para sua consecução foram analisados os microdados dos censos demográficos de 1991, 2000 e 2010 produzidos pelo IBGE. Considerou-se como municípios de pequeno porte, aqueles que apresentavam população inferior a 50 mil habitantes, totalizando 1.430 localidades. Os resultados evidenciaram que uma parcela considerável destes municípios experimentou aumento no ritmo de crescimento demográfico quando comparado a outros municípios de maior porte demográfico. Além disso, participaram expressivamente do processo de redistribuição espacial da população, constituindo em importantes núcleos de atração populacional. Tal fato, sugere o fortalecimento de determinados centros regionais e um maior dinamismo da economia local.

Palavras-chave: Municípios de pequeno porte. Migrações internas. População do Sudeste.

MIGRATORY MOVEMENTS IN SMALL MUNICIPALITIES IN SOUTHEASTERN BRAZIL

ABSTRACT

The displacements made between small-sized municipalities in Southeastern Brazil revealed the existence of new demographic trends. The purpose of this article is to find out the territorial settings associated to Migratory dynamics in these locations. For your achievement were analyzed the microdata of the 1991, 2000 and 2010 demographic censuses produced by IBGE. It was considered as Small municipalities those with population of less than 50 thousand inhabitants as already used by IBGE (2010) totaling 1,430 locations. The results highlighted that a considerable part of the small municipalities have experienced an increase in the rate of population growth when compared to other municipalities of larger demographic size. Besides that, participated expressively in the process of spatial redistribution of the population, constituting important nucleus of population attraction. This fact suggests the strengthening of certain regional centers and a greater dynamism of the local economy.

Keywords: Small municipalities. Internal migrations. Southeast population.

INTRODUÇÃO

A relação entre os movimentos migratórios e a estruturação do espaço tem sido objeto de vários estudos, tais como Azzoni (1986); Singer (1988); Harvey (1992); Martine (1995); Matos (1995); Negri (1996); Brito (1997); Pacheco (1998), Matos e Baeninger (2000); Lobo e Matos (2011), dentre outros. Os processos de urbanização e industrialização do Brasil foram amplamente influenciados pela dinâmica migratória interna. Contudo, ao final dos anos 1970, alguns autores já postulavam sobre o

suposto processo de reversão da polarização no Brasil, apostando na interiorização da urbanização brasileira (MATOS, 1995).

Essa hipótese de desconcentração demográfica e das atividades econômicas foi considerada em virtude da queda no ímpeto de crescimento populacional das grandes cidades, sobretudo, dos grandes centros metropolitanos brasileiros. A região Sudeste, detentora da maior concentração demográfica e industrial do país e de uma densa rede urbana, vem apresentando a conformação de novas centralidades¹ verificadas pelo espraiamento da urbanização em direção a cidades de menor porte. Cunha (2012) destaca que tão logo a migração de retorno se intensificou a partir dos anos 1980, os movimentos intrarregionais ganharam força revelando novas lógicas e novos espaços de migração. Os fluxos migratórios intraestaduais tiveram destaque, refletindo as relações existentes entre as grandes aglomerações urbanas e o interior, evidenciando os próprios fluxos intrametropolitanos.

Com o propósito de avaliar a dinâmica migratória dos pequenos municípios do Sudeste brasileiro, analisando sua capacidade de atração de população, busca-se nesse trabalho verificar as configurações territoriais associadas ao comportamento migratório nessas localidades nos últimos três censos². A escolha desse recorte regional se deu em função da heterogeneidade socioespacial existente. Já a opção pelo horizonte temporal foi decorrente da disponibilidade dos microdados censitários circunscritos aos anos de 1991, 2000 e 2010. Para fins de operacionalização metodológica, foram considerados os movimentos migratórios de data-fixa, identificados pelos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010. A aferição do quantitativo de pessoas que entraram e saíram em cada um dos pequenos municípios do Sudeste, estratificados inter e intra regionalmente, permitiu a constatação de aspectos urbano-regionais que funcionam como fatores de fixação, repulsão ou atração populacional.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O reconhecimento do desempenho migratório dos municípios de pequeno porte (MPP) pode revelar aspectos mais amplos e específicos da dinâmica regional derivada de conexões heterogêneas estabelecidas entre os lugares. As análises centram-se nos 1.430 municípios de pequeno porte com população inferior a 50.000 habitantes, distribuídos pelo Sudeste (Figura 1), região na qual há uma formidável diversidade de processos sociais e econômicos.

De acordo com as definições do IBGE, divulgadas na própria documentação referente aos microdados do Censo Demográfico de 2010, são considerados migrantes, todos os indivíduos que realizaram mudança permanente de residência entre os municípios nos períodos intercensitários. O migrante de data-fixa refere-se ao indivíduo que declarou residir cinco anos antes do levantamento censitário (1986, 1995 e 2005) em um município diferente do que residia à data do recenseamento (CARVALHO e RIGOTTI, 1998). Esse tipo de informação, combinada ao município de residência, permite compreender o fenômeno em dois momentos no tempo e no espaço.

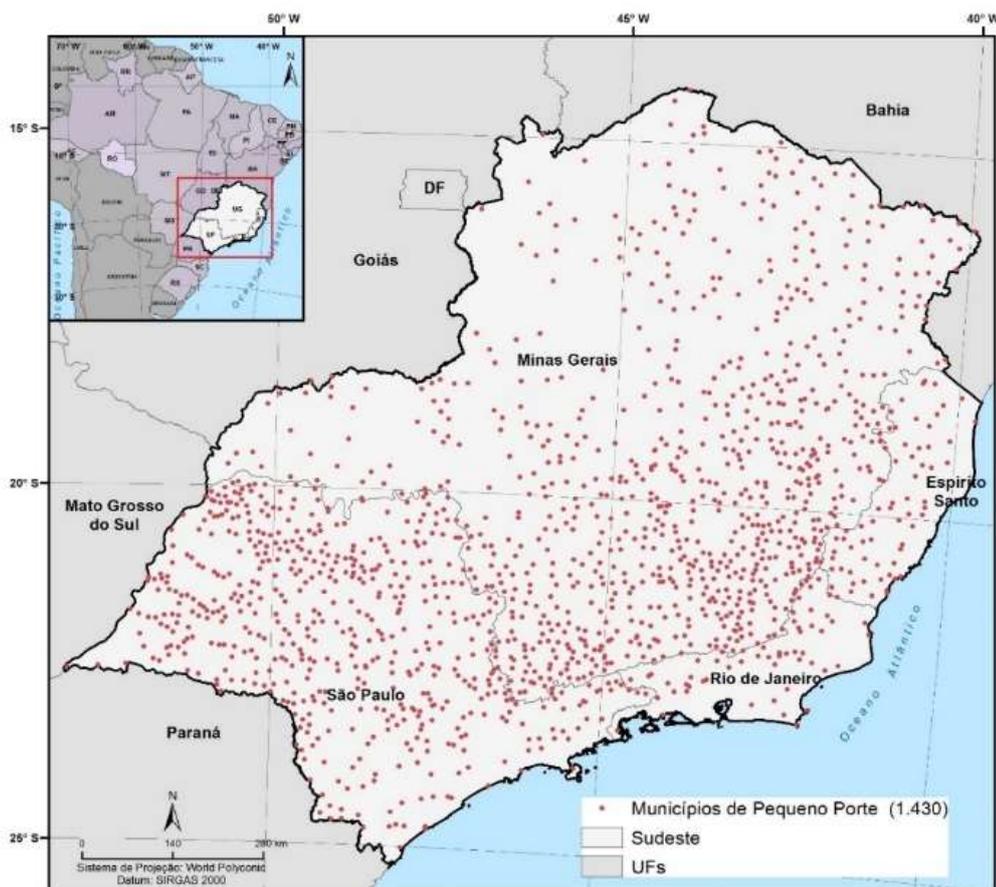
Quanto às técnicas de análise empregadas, com base nos microdados dos três últimos Censos Demográficos do IBGE (1991, 2000 e 2010), foi elaborada uma matriz migratória regional, tornando-se possível identificar os movimentos migratórios entre os municípios por meio dos volumes de emigração, imigração e saldos migratórios, incluindo os volumes referentes às trocas intrarregionais e

¹ Nesta investigação, admite-se a centralidade urbana como uma área de influência de um centro urbano dotada de funções econômicas, sociais e culturais distintas. Diz respeito ao aglomerado dos fluxos resultantes destas funções, não apenas instituído pelo que está fixo no espaço, mas pelas mudanças ocorridas no decorrer do tempo, no uso, na apropriação e no sentido dados aos espaços (SPOSITO, 2010).

² Este artigo tem caráter descritivo, questões de cunho socioeconômico como os fatores de atração que têm contribuído no reordenamento dos fluxos migratórios, bem como o perfil dos migrantes que deslocam para os pequenos municípios do Sudeste foram contemplados em outro artigo (no prelo).

inter-regional. Além da representatividade e alcance espacial característicos destes levantamentos, tais bases de dados dispõem de quesitos especificamente voltados para apreender diversas facetas do fenômeno migratório (CUNHA, 2012), úteis à compreensão da própria dinâmica demográfica regional.

Figura 1 - Municípios de Pequeno Porte (MPP) do Sudeste brasileiro, 2010.



Fonte - Censo Demográfico de 2010 - Dados trabalhados.

Para captar os movimentos migratórios relacionados aos MPPs do Sudeste foram estabelecidos dois níveis de análise. No primeiro, numa perspectiva inter-regional, foram destacados os migrantes que vieram de qualquer município do Brasil, procedentes de outras regiões para os pequenos municípios do Sudeste. Em um segundo nível, distinguem-se aqueles que migraram internamente no Sudeste (análise intrarregional). Nesse caso, os migrantes selecionados envolveram indivíduos que realizaram deslocamentos entre quaisquer municípios do Sudeste (incluindo os pequenos) para os pequenos municípios.

IMIGRAÇÃO, EMIGRAÇÃO E SALDOS MIGRATÓRIOS

Ao observar a Tabela 1, sublinha-se que o volume total da imigração para os MPPs vem aumentando nas últimas décadas. Esse crescimento era esperado tendo em vista a manutenção do crescimento demográfico positivo no mesmo período³. Contudo, as taxas de crescimento da emigração nos pequenos municípios do Sudeste tornaram-se negativas nos dois últimos quinquênios 1995/2000 (-0,09% a.a.) e 2005/2010, (-1,32% a.a.). Diante da constatação que a imigração denota um ganho de população e o acréscimo de população se mostrou francamente positivo (1,91% a.a para 1991/2000

³ Em 1991, a população brasileira era de 146.825.475 habitantes e a do Sudeste, 62.740.401. Em 2000, no Brasil viviam 169.872.856 pessoas e no Sudeste, 72.430.193. Já em 2010, a população brasileira girava em torno dos 190.755.799 habitantes e no Sudeste, 80.364.410.

e 1,47% a.a entre 2000/2010), cabe indagar: o que estes números representam se comparado ao Brasil e ao Sudeste?

Se confrontados com os dados para todo país, verifica-se que o aumento da taxa de imigração nos municípios de pequeno porte é significativamente superior à taxa de crescimento da população brasileira nos dois decênios. Entre 1991/2000, era 1,92% a.a., enquanto no Brasil era 1,63%. No período subsequente, a disparidade foi ainda maior, a imigração no Brasil crescia a 1,17% a.a. e nos pequenos municípios de 1,47% a.a. Sendo assim, ao que tudo indica, os municípios de pequeno porte recebem imigrantes em número significativamente superior ao crescimento vegetativo da população brasileira.

Para corroborar a expressividade da atração de imigrantes nos pequenos municípios é conveniente examinar as informações referentes aos saldos migratórios (diferença entre entradas e saídas de migrantes) dos pequenos municípios do Sudeste, que deixaram a condição de perdedores de população, evidenciada no quinquênio 1986/1991, para ganhadores, dado os reiterados saldos positivos nos quinquênios subsequentes de 1995/2000 e 2005/2010. Em suma, a presente investigação descortina a realidade de que os municípios de pequeno porte vêm se reconfigurando em espaços atrativos no Sudeste brasileiro e sua dinâmica demográfica tem se alterado, como observado no período em estudo.

Tabela 1 - Imigração, Emigração e Saldos Migratórios dos MPP do Sudeste para/das Unidades da Federação (UF), 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010.

UF	Imigrantes						Emigrantes						Saldo Migratório		
	1986/1991	%	1995/2000	%	2005/2010	%	1986/1991	%	1995/2000	%	2005/2010	%	1986/1991	1995/2000	2005/2010
MG	466.756	39,9	574.666	41,4	673.522	41,9	655.027	50,2	641.226	49,6	569.278	50,3	-188.271	-66.560	104.245
SP	561.162	47,9	625.152	45,4	708.960	44,1	489.434	37,5	491.227	38,8	420.792	37,2	71.728	133.925	288.168
RJ	59.354	5,1	89.520	6,4	108.021	6,7	48.108	3,7	62.922	4,9	54.799	4,8	11.246	26.598	53.222
ES	83.244	7,1	99.769	7,2	116.839	7,3	111.718	8,6	97.951	7,6	86.926	7,7	-28.474	1.817	29.913
Total	1.170.516	100	1.389.107	100	1.607.342	100	1.304.288	100	1.293.326	100	1.131.795	100	-133.771	95.780	475.547

Fonte - Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 - Dados trabalhados.

O segundo nível da análise requer um olhar nos fluxos migratórios internos ao Sudeste. Ao examinar os dados do quinquênio 1986/1991, nota-se que o volume da emigração dos MPP em Minas Gerais é superior ao volume de imigração em 188.271 pessoas. O mesmo se aplica ao Espírito Santo, quando o valor também é negativo e pequeno (28.474 pessoas). Já em São Paulo e no Rio de Janeiro, havia um total de imigrantes superior ao de emigrantes, 71.728 e 11.246 pessoas (respectivamente), o que denota um relativo dinamismo demográfico nos municípios de pequeno porte dessas duas UFs (Tabela 1).

Os dados referentes ao estoque de imigrantes e emigrantes no quinquênio 1995/2000 sinalizam mudanças no comportamento migratório dos pequenos municípios do Sudeste. Minas Gerais era o único estado em que nos pequenos municípios havia predominância de perdas de população (saldo migratório negativo de 66.560 indivíduos). Os pequenos municípios mineiros, no quinquênio 1995/2000 receberam 574.666 pessoas e perderam 641.226 pessoas. Quando se compara com os dados do quinquênio anterior (1986/1991) apresentados na Tabela 1, o número de emigrantes diminui consideravelmente.

Nas demais unidades federativas do Sudeste há um acréscimo no número de imigrantes. No período 2005/2010, descortina-se a generalização da atratividade dos pequenos municípios frente à dinâmica demográfica regional do Sudeste, consolidando tendência anteriores. Em todas as quatro Unidades da Federação (UF), o saldo migratório tornou-se positivo, revelando ganhos populacionais em relação ao período de 1995/2000 (Tabela 1). Importante destacar a expressiva atratividade dos pequenos municípios paulistas. Embora a perda histórica de população nos municípios de baixo porte demográfico tenha sido um fato de grande importância no passado, atualmente, os novos traços da rede urbana brasileira influenciados pela desconcentração das atividades econômicas têm promovido mudanças nos papéis destes municípios (BAENINGER, 2000; SPOSITO, 2010), notadamente através da expansão das forças de atração dessas localidades.

AS TROCAS EXTRA REGIONAIS

O exame dos fluxos migratórios inter-regionais do/nos pequenos municípios permite identificar as principais regiões fornecedoras e absorvedoras de população. De modo geral, pode-se constatar que há uma tendência de aumento do volume de imigrantes oriundos de outras regiões brasileiras para todas as UF do Sudeste. Todavia, a emigração extra regional ainda é concentrada apenas nos MPPs paulistas e cariocas. As coletâneas de mapas das Figuras 2 e 3, que representam a imigração e emigração nos MPP, permitem observar que ao longo dos últimos 20 anos São Paulo foi a única UF do Sudeste que manteve fluxos expressivos (de entrada e saída) com outras regiões do país. No último quinquênio (2005/2010), o estado de Espírito Santo também recebeu fluxos populacionais extra regionais significativos quando comparado aos demais. Minas Gerais manteve expressivas trocas (imigração e emigração) com os municípios de São Paulo, do mesmo modo que os MPP cariocas efetuaram trocas com Minas. Contudo, há especificidades quando analisadas cada UF, quais sejam:

Minas Gerais – No quinquênio de 1986/1991, os imigrantes mineiros no conjunto dos pequenos municípios vieram em maior proporção da região Nordeste, cerca de 37,8% (18.145 pessoas). Somente da Bahia, 12.499 pessoas migraram para os pequenos municípios de Minas. No período 1995/2000, o número de imigrantes aumentou, sendo da região Nordeste o maior volume (41,8%) dos imigrantes. No quinquênio 2005/2010, os imigrantes procedentes de fora do Sudeste permaneceram em acréscimo: 62.721 habitantes, dos quais 38.916 pessoas eram provenientes da região Nordeste, notadamente da Bahia. Em contrapartida, os fluxos de emigração de Minas Gerais foram decrescentes nos três quinquênios: 62.726 migrantes entre 1986/1991, 55.206 entre 1995/2000 e 50.331 entre 2005/2010. Comparando os três períodos, se constata que somente no último intervalo de data-fixa os pequenos municípios mineiros tiveram saldo migratório positivo (62.721 entraram contra 50.331 que saíram).

São Paulo – Os pequenos municípios paulistas no período 1986/1991 receberam 120.802 migrantes, procedentes, sobretudo, da região Sul (48%). Somente o estado do Paraná enviou 54.620 pessoas. No período de 1995/2000, a região Nordeste supera o Sul. Do total de 115.346, apenas a Bahia correspondeu a 42,3% do volume de imigrantes de origem nordestina. Os pequenos municípios paulistas permaneceram atraindo migrantes vindos de fora do Sudeste no quinquênio seguinte: foram 143.457 em 2005/2010, dos quais 92.223 pessoas vieram da região Nordeste, notadamente da Bahia, tal qual ocorreu no quinquênio anterior. Os fluxos de emigração (Figura 3) geralmente são uma espécie de espelho invertido da imigração em face da grande quantidade de migrantes que retornam aos seus lugares de origem⁴. Os números de saída de São Paulo foram crescentes: 51.133 entre 1986/1991, 55.206 entre 1995/2000 e 73.712 entre 2005/2010. Esses valores significam que os pequenos municípios do estado de São Paulo tiveram saldos francamente positivos nos três quinquênios, tal como evidenciou Baeninger (2012) ao constatar que o Estado de São Paulo, nos últimos censos, também tem se constituído em uma área de perda migratória.

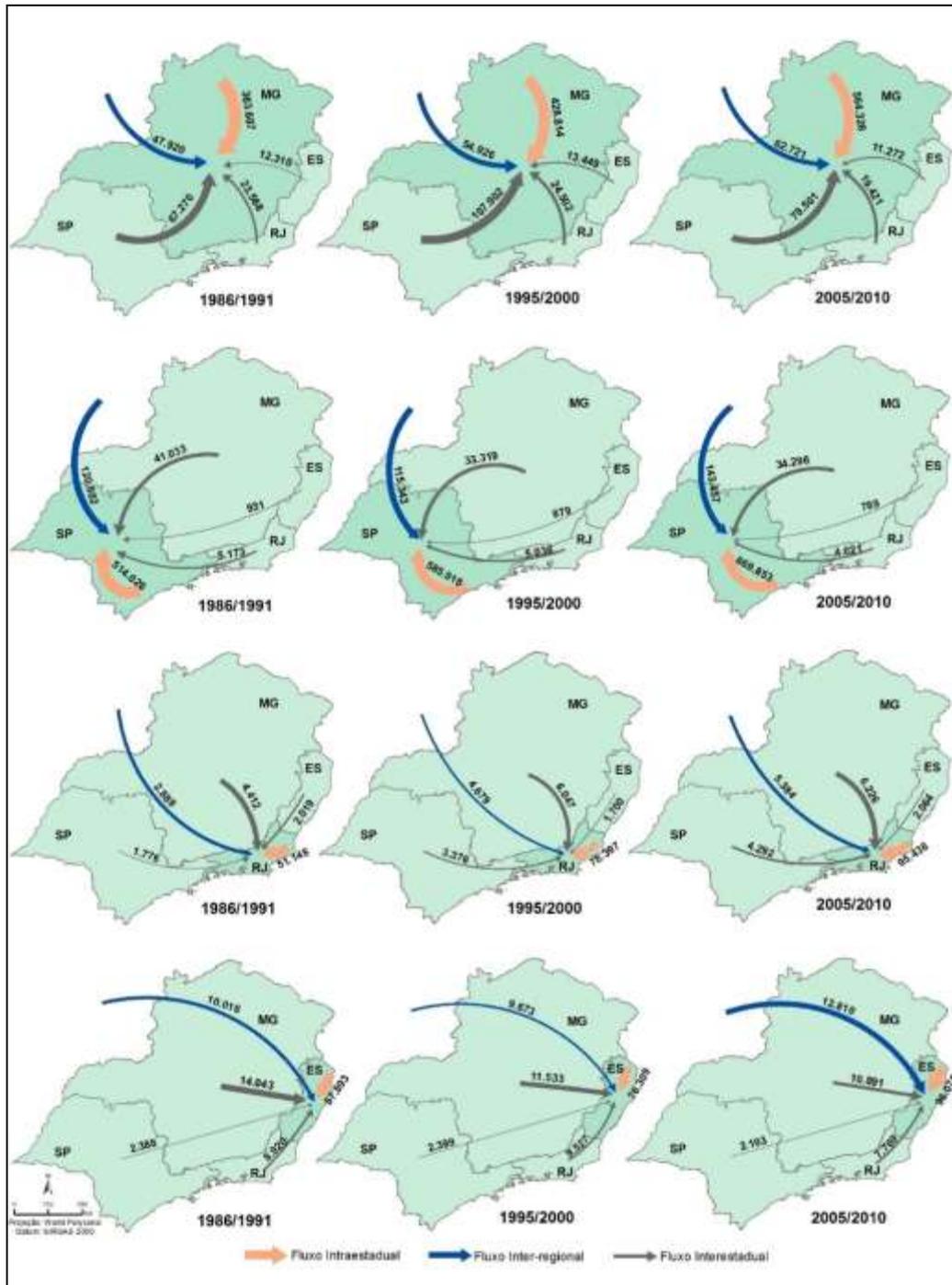
Rio de Janeiro – Os imigrantes dos pequenos municípios do Rio de Janeiro oriundos de fora do Sudeste foram majoritariamente nordestinos, principalmente, baianos. Estes volumes sofreram acréscimo ao longo dos últimos 20 anos. No quinquênio de 1986/1991, foram 2.889 pessoas (1.784 vindas somente do Nordeste); entre 1995/2000 foram 4.649 migrantes (64,3% do Nordeste); e entre 2005/2010, foram 5.384 imigrantes, dos quais 59% eram nordestinos. São números relativamente modestos se comparados aos de São Paulo e Minas Gerais e certamente inferiores ao quantum de nordestinos que o Rio de Janeiro recebia no início do século XX. Do ponto de vista da emigração, saíram dos pequenos municípios cariocas entre 1986/1991 cerca de 1.892 pessoas, 2.855 no quinquênio seguinte e 3.045 entre 2005/2010. Os números em questão são bem menores que os de São Paulo e Minas Gerais, talvez porque seja um estado de pequeno tamanho geográfico e isso explica a existência dos 55 pequenos municípios presentes no Rio. De toda a forma, os saldos migratórios foram claramente positivos e crescentes nos três períodos, o que confirma a atratividade dos pequenos municípios do Rio de Janeiro.

Espírito Santo – Os pequenos municípios capixabas receberam entre 1986/1991 10.016 pessoas de outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste (6.773 pessoas). Entre 1995/2000 foram 9.673 imigrantes (com acréscimo do volume de imigrantes nordestinos, 7.054, contra 6.773 no quinquênio anterior). Já no período 2005/2010 essa imigração se acentuou, sobretudo, dos procedentes do Nordeste (10.405 pessoas, especialmente da Bahia), o que representou 81,2% dos imigrantes de fora do Espírito Santo. Os números da emigração foram os seguintes nos quinquênios 1986/1991,

⁴ Os emigrantes de São Paulo deslocaram majoritariamente no quinquênio de 1986/1991 para a região Centro Oeste (somente o Mato Grosso do Sul recebeu 14.658 pessoas). A redistribuição da população dos pequenos municípios de São Paulo vem dinamizando parte do Centro-Oeste brasileiro. Entre 2005/2010, esses deslocaram em maior volume para os municípios sulistas, 31.745 indivíduos. Este movimento migratório, possivelmente de retorno, levou apenas para o Paraná 24.399 pessoas o que correspondeu a 76,9% da migração para a região Sul.

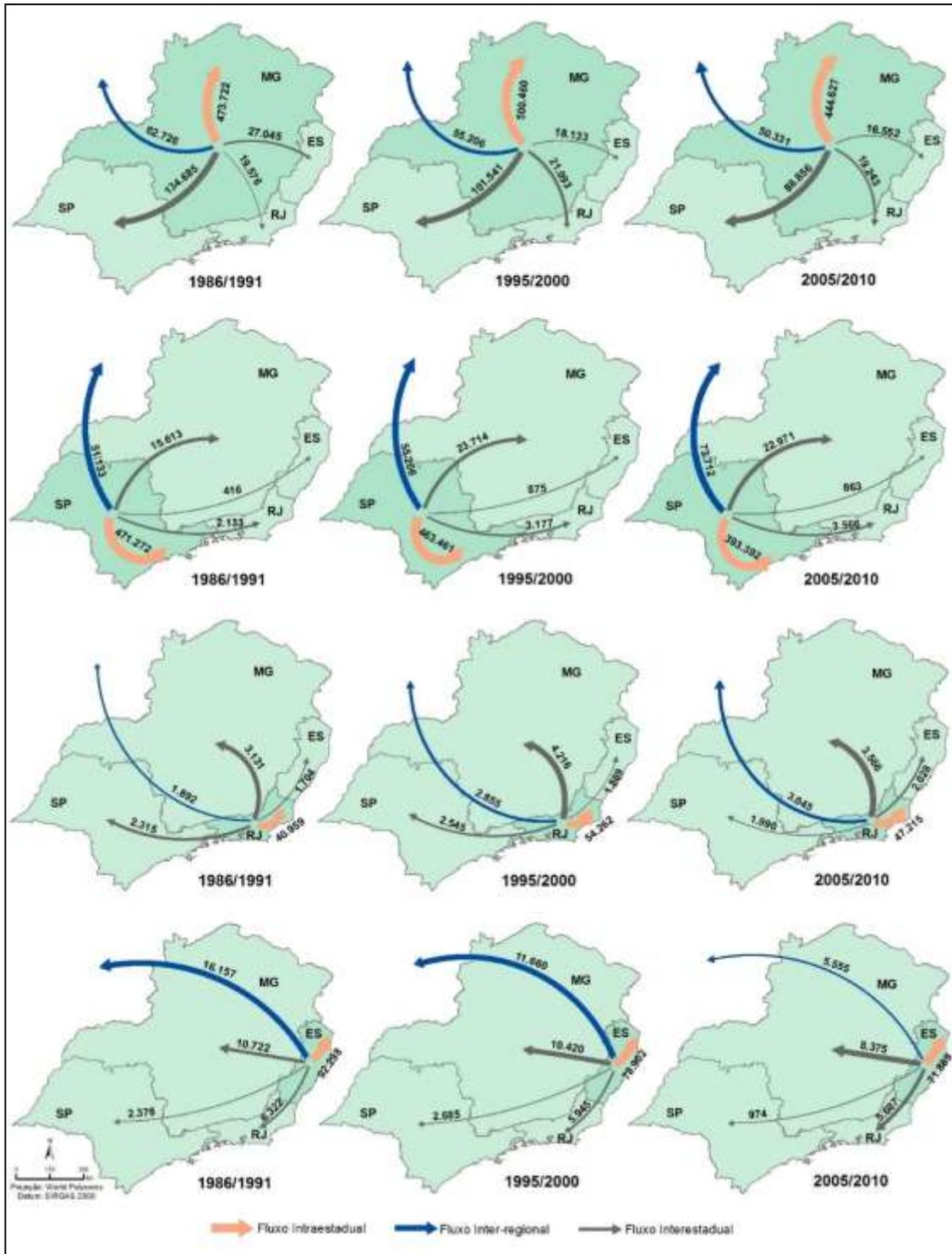
1995/2000 e 2005/2010: 16.157, 11.660 e 5.555⁵. São números significativamente decrescentes, que contrastados com os fluxos de imigração revelam uma mudança expressiva da condição de municípios expulsores de população até o ano 2000, para a de receptores em 2010, conforme os dados censitários.

Figura 2 - Volume de Imigrantes intermunicipais com destino aos pequenos municípios do Sudeste, discriminados conforme UF de destino, nos quinquênios de 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010.



⁵ Os emigrantes dos pequenos municípios capixabas, no período de 1986/1991, dirigiram-se sobretudo, para a Norte. Apenas o estado de Rondônia, absorveu 8.881 pessoas, o que representou cerca de 79,2% do fluxo populacional para a região Norte. No período de 1995/2000, a expulsão de indivíduos permaneceu tendo com o destino majoritariamente o Nordeste e Norte (4.958 e 4.947 pessoas, respectivamente).

Figura 3 - Volume de Emigrantes intermunicipais procedentes do conjunto dos pequenos municípios do Sudeste, discriminados conforme UF de origem, nos quinquênios de 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010.



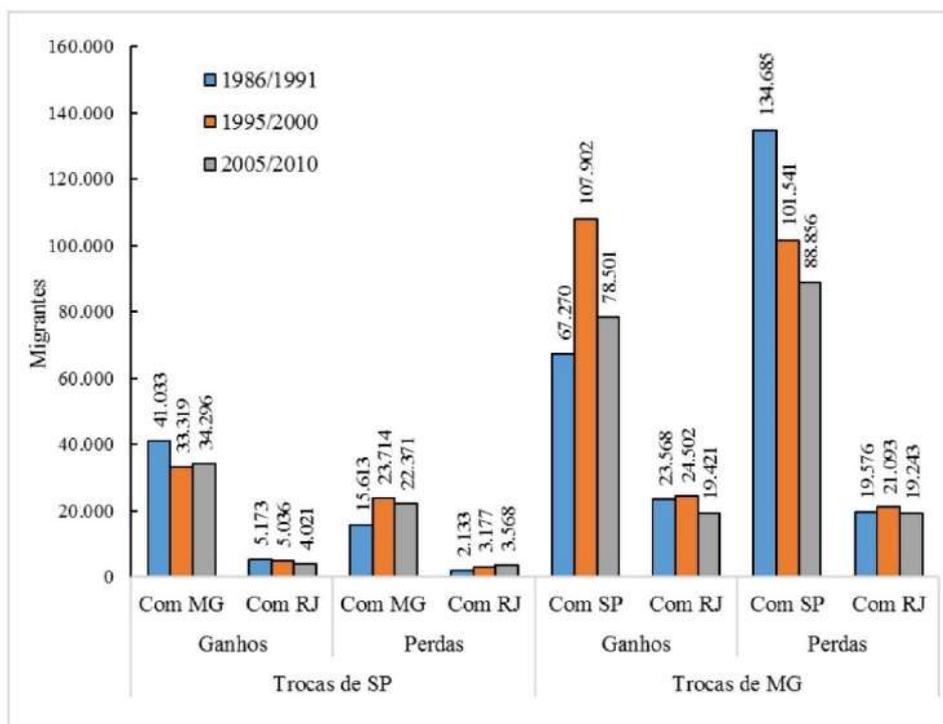
Fonte - Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 - Dados trabalhados.

AS TROCAS INTRARREGIONAIS

No interior da região Sudeste, as trocas migratórias envolvem duas dimensões: a que agrega fluxos entre as UFs e a que compreende os movimentos internos a cada UF. A imigração e a emigração desses pequenos municípios para/de outros municípios do Sudeste são relativamente contrastantes. Os dados referentes aos fluxos migratórios, mostrados nas Figuras 2 e 3, podem ser sintetizados na

Figura 4 que expõe as principais UFs da região (São Paulo e Minas Gerais) no tocante aos fluxos migratórios que ocorreram nos estados fronteiriços⁶. Os ganhos populacionais dos pequenos municípios de São Paulo são notáveis desde o censo de 1991, sobretudo nas trocas com Minas Gerais. Com o Rio de Janeiro, as trocas encerram números populacionais inferiores, da mesma forma que os saldos positivos são a favor de São Paulo.

Figura 4 - Trocas migratórias interestaduais com destino e origem dos/nos MPPs do Sudeste.



Fonte - Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 - Dados trabalhados.

No que se refere as trocas realizadas pelos pequenos municípios de Minas Gerais, a principal conclusão é que são predominantemente perdedores de população para os municípios de São Paulo até o período 1995/2000 (quando os saldos migratórios passam a ser positivos), mas ganham em relação ao Rio de Janeiro nos três quinquênios analisados. A disparidade dos números é marcante, denotando que o estado de São Paulo é o principal destino e origem das trocas de população quando se focaliza o conjunto de pequenos municípios de Minas Gerais.

Um outro tipo de troca intrarregional, diz respeito aos fluxos intraestaduais que correspondem à maior fatia das trocas migratórias. A análise da diagonal principal da matriz migratória permite verificar a inversão de tendências de perda de população nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, especialmente a partir de 2005/2010. Na Tabela 2 são expostos os saldos migratórios intraestaduais dos pequenos municípios (excluindo os fluxos de pequenos para pequenos). Estas informações permitem um conjunto de conclusões que sumarizam os números relativos aos três tipos de fluxos que envolvem cada UF do Sudeste.

a) Em Minas Gerais, no nível intraestadual, após dois quinquênios de perda populacional dos pequenos municípios para os grandes e médios municípios do estado, passou-se a ter o surpreendente saldo positivo de 119.701 pessoas no quinquênio 2005/2010. Com relação às trocas com os estados de fora do Sudeste houve quebra de tendência no censo de 2010 (saldo de 12.390 pessoas). Já as trocas com os três estados do Sudeste mantiveram-se negativas, já que se o saldo foi positivo no quinquênio 1995/2000, voltou a ser negativo (-15.456 pessoas) em 2005/2010.

b) No Espírito Santo, assim como em Minas Gerais, os fluxos intraestaduais mostram que após dois quinquênios de perdas dos pequenos para as grandes e médias cidades do estado, em

⁶ As trocas com o Espírito Santo podem ser vistas nas Figuras 1 e 2.

2005/2010 passou-se a ter saldo positivo de 23.549 pessoas. Também as trocas com os estados de fora do Sudeste tiveram ruptura de tendência no censo de 2010 (saldo de 7.255 pessoas). Com relação às trocas com os três estados do Sudeste, o Espírito Santo, diferentemente de Minas Gerais, apresentou saldos positivos e semelhantes nos três períodos (5.726 migrantes entre 2005/2010).

Tabela 2 - Saldos migratórios dos pequenos municípios das UFs do Sudeste com municípios de dentro e fora da Grande Região.

UFs	Origem/Destino dos Migrantes	1986/1991	1995/2000	2005/2010
MG	Fora do SE	-14806	-280	12.390
	UF do SE	-78.157	5.086	-15.456
	Grandes e Médios de MG	-110.114	-71.646	119.701
ES	Fora do SE	-6.141	-1.987	7.255
	UF do SE	5.931	4.441	5.726
	Grandes e Médios do ES	-34.405	-2.593	23.549
RJ	Fora do SE	997	1.824	2.339
	UF do SE	1.057	2.464	4.998
	Grandes e Médios de RJ	10.189	24.134	48.223
SP	Fora do SE	69.669	60.137	69.745
	UF do SE	28.974	11.467	4.998
	Grandes e Médios de SP	42.754	122.458	276.461

Fonte - Censos Demográficos de 1991, 2000 e 20010 - Dados trabalhados.

c) No Rio de Janeiro, diferentemente de MG e ES, todos os saldos intraestaduais foram positivos nos três quinquênios. Contudo, a tendência dos pequenos municípios do estado exibirem mais ganhos do que perdas nas trocas interestaduais permanece. Os pequenos municípios fluminenses ganharam das grandes e médias cidades do estado 48.223 pessoas no quinquênio 2005/2010. Os saldos com os estados de fora do Sudeste mantiveram-se positivos e crescentes (2.336 pessoas em 2010), da mesma forma que nas trocas com os três estados do Sudeste, (4.998 pessoas entre 2005/2010).

d) Em São Paulo, embora os números sejam de outra magnitude, assim como no RJ, todos os saldos foram positivos nos três censos e a supremacia dos números relativos às trocas intraestaduais se repete. Os dados indicam que os pequenos municípios vêm ganhando população das grandes e médias cidades de forma crescente. No período de data-fixa do censo de 2010 chegaram a alcançar o saldo migratório positivo de 276.461 pessoas. Bem mais modestos, os saldos com os estados de fora do Sudeste mantiveram-se positivos e semelhantes (69.745 pessoas em 2010). Já nas trocas com os três estados do Sudeste, os números mostram-se decrescentes, chegando a apenas 4.998 pessoas o saldo positivo entre 2005/2010.

Diante das evidências empíricas apresentadas, uma questão se destaca: por que parte dos pequenos municípios se tornaram atraentes demograficamente? Certamente, a resposta não é simples, nem óbvia, pois entre os pequenos municípios há diferenças regionais. De toda a forma, pode-se arrolar um conjunto mais geral de possibilidades explicativas que confluem para as seguintes evidências socioespaciais:

1. Melhoria dos meios de transporte, das tecnologias de comunicação e informação (TICs) na rede de cidades do Sudeste (SANTOS, 2005);
2. Ampliação da oferta de emprego, expansão da urbanização e de serviços urbanos (CORREA, 1999; SPOSITO, 2010);
3. Mudanças na qualidade de vida nos pequenos municípios (proximidade com a natureza, baixo custo de vida e segurança pública), constituem um conjunto de amenidades que podem favorecer a migração de retorno de aposentados que procuram fugir do "caos urbano" presente nos grandes centros (BERNADELLI, 2004, SOARES, 2007);
4. Situações de segunda moradia da classe média, com uma residência em

um grande centro urbano e outra em um pequeno município (lazer nos fins de semana) (ESTÊVEZ; URGNANI, 2012); 5. Saturação de grandes cidades relativamente próximas, onde o preço da terra vem se tornando proibitivo para os residentes de baixa renda (SPOSITO, 2004).

A dispersão demográfica em curso acompanha a valorização de espaços selecionados em função das suas vantagens relativas, não mais estabelecidas exclusivamente dado ao seu tamanho, mas em relação ao potencial para a reprodução do capital (DAMIANI, 2006). Neste sentido, verifica-se o aumento dos ritmos de produção e circulação nos MPP, com a facilidade dos meios de transporte (GIDDENS, 1991) e evolução da tecnologia da informação (CASTELLS, 1999).

Se de um lado, é fato que a migração interna no Sudeste tende a reduzir-se a cada novo censo, diante do avanço da transição demográfica, é também verdade que, desde os anos de 1980, a interiorização do processo de urbanização e o espraiamento das atividades econômicas no Brasil (MARTINE, 1994; COUTINHO, 1998; PACHECO, 1998) estimulou o surgimento e a consolidação de novas regiões atrativas aos migrantes do país, dinamizando seus fluxos migratórios secundários de curta distância, verificando-se, inclusive, o aumento da migração de retorno (LIMA, 2013). Ou seja, houve uma intensificação dos deslocamentos populacionais em direção a áreas tradicionalmente emissoras de migrantes e o surgimento e a consolidação de novos polos inter e intraestaduais de absorção migratória (MATOS, 1995; BAENINGER, 2000; BRITO e CARVALHO, 2006). A associação desses fatores contribuiu para uma nova hierarquização dos centros urbanos no Sudeste. Dentre esses, os pequenos municípios com crescimento populacional derivado das migrações, constituem fatia importante do processo de reorganização populacional no Sudeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas do século XX, a dinâmica das migrações internas no Brasil sofreu transformação. A migração é um dos fenômenos mais sensíveis às mudanças estruturais ou mesmo conjunturais, tendo em conta que os fluxos populacionais seguem, em boa medida, as direções determinadas pela abertura de novas oportunidades de melhorar as condições de sobrevivência. A proposta teórico/metodológica aqui empregada buscou contribuir ao debate sobre a existência de novos padrões e tendências da migração interna. Ao focalizar a participação dos pequenos municípios nas trajetórias migratórias do Sudeste, foi possível analisar a conformação de espaços capazes de agregar atração populacional.

Ao considerar os três períodos censitários analisados, os deslocamentos populacionais no Sudeste guardam estreita relação com o processo de descentralização urbana e econômica notados nesta região. Destarte, novas tendências parecem surgir como o aumento no ritmo de crescimento demográfico derivado das migrações em direção aos pequenos municípios quando comparado a outros de maior porte demográfico. Tal evidência contraria a assertiva que os pequenos municípios eram incapazes de reter suas próprias populações. Tendo em vista as limitações deste estudo, dada à proposta analítica utilizada, percebe-se que pesquisas que enfocam a mobilidade populacional em pequenos municípios de forma mais aprofundada ainda é um desafio aberto. Trata-se de uma temática complexa e multidisciplinar, pouco retratada na comunidade acadêmico/científica. Neste sentido, o presente artigo teve um caráter eminentemente exploratório dos dados, em função deste tipo de informação ainda ser pouco disponível na literatura.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é parte da tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa teve apoio financeiro da CAPES, com vigência de Março de 2015 a Março de 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZONI, C. **Indústria e Reversão da Polarização no Brasil**. Ensaios Econômicos -IPE/USP, São Paulo, n.58, 1986.

BAENINGER, R. Novos espaços da migração no Brasil: anos 1980 e 1990. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000.

_____. Migrações internas no Brasil no século 21: entre o local e o global. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Águas de Lindóia. **Anais...** São Paulo: ABEP, 2012.

BERNARDELLI, M. L. F. H. Pequenas cidades na região de Catanduva-SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias. 2004. 348 f. **Tese** (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente-SP, 2004.

BRITO, F. População, espaço e economia numa perspectiva histórica: o caso brasileiro. **Tese** (Doutorado em Demografia) – CEDEPLAR, UFMG, Belo Horizonte, 1997.

BRITO, F.; CARVALHO, J. A. M. As migrações internas no Brasil e as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pelas PNADS recentes. **Parcerias estratégicas**, Brasília, v. 22, p. 441-455, 2006.

CARVALHO, J.; RIGOTTI, J. I. R. Os dados censitários brasileiros sobre migrações internas: algumas sugestões para análise. **Rev. Bras. Est. Pop.**, Brasília: v. 15, n. 2, p. 7-17, 1998.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 1999.

CORRÊA, R. L. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana – Uma Nota sobre as Pequenas Cidades. **Revista Território**, ano IV, nº 6, jan./jun., 1999. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_5_correa.pdf. Acesso em: 18 jul, 2016.

COUTINHO, L. Cenários exploratórios do Brasil 2020: comentário. **Revista ANPEC**, Brasília, n.4, 1998.

CUNHA, J. M. P. Retratos da mobilidade espacial no Brasil: os censos demográficos como fonte de dados. **Rev. Inter. Mob. Hum**, Brasília: Ano XX, Nº 39, p. 29-50, 2012. Disponível em: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/330>. Acesso em: 13 Jul. 2017. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852012000200003>

DAMIANI, A. L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: **América Latina: cidade, campo e turismo**. LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; Silveira, M. L. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.

ESTÊVEZ, L. F.; URGNANI, J. Residências secundárias em pequenas cidades – caso de Porto Rico/Paraná. **Boletim de Geografia**, v. 30, n. 2, p. 111-119, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/15709>. Acesso em: 13 Mai. 2019. <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v30i2.15709>

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA, A.C.C. Desenvolvimento regional e fluxos migratórios no Brasil: uma análise para o período 1980-2010. 283fIs. **Tese** (Doutorado em Economia) – Cedeplar, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

LOBO, C; MATOS, R. Migrações e a dispersão espacial da população nas Regiões de Influência das principais metrópoles brasileiras. **Rev. Bras. Est. Pop**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 81–101, 2011. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/86>. Acesso em: 14 out. 2015. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982011000100005>

MARTINE, G. **A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80**. Brasília: IPEA, 1994, 43p. (Textos para discussão, 329).

_____. A evolução espacial da população brasileira. In: AFFONSO, R. B. A.; SILVA, P. L. B. (orgs.). **Desigualdades regionais e desenvolvimento**. São Paulo: FUNDAP/Ed. UNESP, 1995, p. 61-91.

MATOS, R. Questões teóricas acerca dos processos de concentração e desconcentração da população no espaço. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, p. 35-58, 1995.

MATOS, R; BAENINGER, R. Migração e Urbanização no Brasil: Processos de Concentração e Desconcentração Espacial e o Debate Recente. **Cadernos do LESTE**, Belo Horizonte, v. 1, p. 342-385, 2000. Disponível em: <http://www.igc.ufmg.br/portaldeperiodicos/index.php/leste/article/view/795>. Acesso em: 10 Jun. 2015.

- NEGRI, B. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880 - 1990)**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- PACHECO, C. A. **Fragmentação da Nação**. Instituto de Economia/UNICAMP, 1998.
- SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5ª Ed., 1ª reimpr, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, 176 p.
- SINGER, P. **Dinâmica populacional e desenvolvimento**. São Paulo: Hucitec, p. 178-207, 1988.
- SOARES, B. R. Pequenas e médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 461-494.
- SPOSITO, M. E. B. O Chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508 p. **Tese** (Livre Docência em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- SPOSITO, M. E. B. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Geografia**, Rio Claro, v.35, n.1, p. 51–62, 2010.

Recebido em: 06/07/2020

Aceito para publicação em: 13/06/2021